

26ª Reunião Brasileira de Antropologia

GT 4 - O fazer, o ler e o escrever imagens e sons e suas apresentações e representações na narrativa etnográfica

A auto-representação fotográfica em favelas e o movimento de inclusão visual

Fabiene de M. V. Gama

Abril de 2008

A auto-representação fotográfica em favelas e o movimento de inclusão visual¹

Fabiene de M. V. Gama²

Resumo

Projetos fotográficos voltados para a “inclusão social” vêm crescendo em vários pontos do Brasil, especialmente no Rio de Janeiro. São oficinas e cursos que tem como objetivo aguçar o olhar de jovens e crianças de baixa renda através da técnica fotográfica, estimulando representações endógenas em áreas que, até então, eram retratadas massivamente por membros oriundos de classes mais abastadas, tais como jornalistas, higienistas, cineastas, antropólogos, sociólogos etc. Os chamados projetos de *inclusão visual* buscam a inserção social dos moradores de favelas e a transformação da imagem negativa destes espaços, além da “educação visual” de jovens e crianças. Inserção social, ou melhor, *inclusão visual* (como defendem os membros de um “movimento” liderado pelo antropólogo Milton Guran) como um processo educativo. Pretendem educar (ou *descolonizar*) o “olhar” dos jovens e não apenas formá-los profissionalmente. Através de cursos, acreditam fornecer ferramentas para inserir estes jovens no mercado de trabalho, além de “contribuir para a ampliação do exercício da cidadania”. Este paper reflete sobre a atuação desses grupos organizados que participaram dos Encontros sobre Inclusão Visual que aconteceram entre 2004 e 2007, no Rio de Janeiro, e que hoje formam a “Rede de Inclusão Visual”. Algumas questões se colocam presente: a fotografia pode, de fato, servir como instrumento para jovens moradores de favelas vivenciarem sua “cidadania”? De que forma a participação em projetos fotográficos interfere em suas relações sociais? Ganham visibilidade social (positiva) através deste trabalho?

Palavras-chave: auto-representação, fotografia, inclusão visual.

¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil. Uma primeira versão deste texto foi apresentada no capítulo “Projetos sociais fotográficos e a democratização dos meios de comunicação” da minha dissertação de mestrado, apresentada no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UERJ (PPCIS/UERJ). Ver Gama (2006b). Agradeço a Milton Guran pelos Anais dos Encontros, sem os quais seria impossível aprofundar um pouco mais essa reflexão.

² Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ (PPGSA/IFCS/UFRJ). E-mail: fabienegama@gmail.com.

Introdução

Na comunidade de Ausangate, província de Quispicanshis, em Cusco, é possível ouvir uma história extraordinária. Um turista norte-americano passeia com sua mulher e pára em frente a um campesino, Sabino Quispe, sua esposa e sua pequena filha, que estavam cultivando batatas. O turista saca uma câmera de sua mochila e começa a enquadrar a família, mas se detém a olhar pelo visor de sua câmera: de onde estava, Sabino sacou uma câmera e disparou rapidamente, antes dele. Surpreendido na imagem de Sabino, o turista desiste de tomar a foto e se retira do lugar.³

Essa história pode ser lida no texto “La mirada del otro *otro*. La producción fotográfica de grupos minoritarios”, de Flores (2004), onde a autora discute a produção fotográfica de grupos minoritários através da experiência de quatro projetos sociais. Segundo Flores, se essa história nos surpreende é porque inverte o poder descrito em boa parte das teorias que tratam do funcionamento cultural e ideológico da fotografia, e entendem o olhar fotográfico como um processo de construção da realidade social por parte de um sujeito - o fotógrafo - que normalmente pertence a uma classe superior ao do retratado, esse Outro que acaba sendo um objeto na representação.

A idéia de dar visibilidade ao “outro” já existe desde os primórdios do cinema e da antropologia. Movimentos voltados para uma “inclusão visual”, no entanto, não são tão remotos assim. Nos últimos anos, projetos sociais que utilizam recursos audiovisuais vêm se multiplicando em todo o mundo, e em especial nos países periféricos (Flores, 2004; Gama, 2006b). Acontecem em países como Argentina, França, México, África do Sul, Arábia Saudita, Brasil, Índia, Itália, Holanda, Bangladesh, Haiti e Jerusalém (Anais dos Encontros de Inclusão Visual, 2005, 2007; Flores, 2004; Kids With Câmeras⁴). Este crescimento está tecnicamente relacionado ao barateamento dos custos de câmeras fotográficas e de vídeo, principalmente das digitais, e, socialmente, à importância que as imagens (e o consumo delas) vêm ganhando na sociedade contemporânea.

Esses projetos vêm ganhando visibilidade e espaço na mídia e na academia (Cf. Copque, 2003; Gama, 2006b), mas ainda têm debates e exposições de imagens limitadas. No mundo

³ Tradução livre da autora, do espanhol: “En la comunidad de Ausangate, provincia de Quispicanshis, en el Cusco, cuentan una historia insólita. Un turista norteamericano se pasea con su mujer y se detiene delante de donde el campesino Sabino Quispe, su esposa y su pequeña niña están cultivando la papa moraya. El turista saca de su mochila una cámara y comienza a encuadrar, pero se detiene al mirar por el visor de su cámara: de su morral, Sabino ha sacado una cámara y ha disparado rápidamente, antes que él. Atrapado en la imagen de Sabino, el turista desiste de tomar la foto y se retira del lugar”. (Flores, 2004: 1). Uma história parecida com esta pode ser lida em Copque (2003: 104).

⁴ Em: <http://www.kids-with-cameras.org/mission/>

universitário, encontros e congressos diversos vêm discutindo o tema em fóruns de fotografias latino-americanas, congressos de sociologia do consumo, seminários de história da arte etc.⁵

Desde o ano de 2004, representantes de projetos sociais que trabalham com a técnica fotográfica têm se reunido no Rio de Janeiro com o objetivo de trocar informações sobre a implementação e sustentabilidade dos diferentes programas desenvolvidos no Brasil. Eles têm feito um esforço para formar uma rede a fim de fortalecer uma atuação coletiva voltada para a “valorização da auto-estima” e desenvolvimento de um olhar mais apurado de moradores de áreas pobres que, através do envolvimento com determinados grupos, passariam a se auto-representar, e representar seus locais de moradia a partir de uma perspectiva que mostraria o que essas áreas estigmatizadas teriam de melhor. Esse esforço se torna visível através dos “Encontros sobre Inclusão Visual do Rio de Janeiro”⁶, que acontecem anualmente e fazem parte do FotoRio, um evento internacional de fotografia organizado pelo fotógrafo e antropólogo Milton Guran.

Apesar de o nome indicar uma participação de projetos do Rio, projetos de diferentes estados do país, e até mesmo de diferentes países, participaram das quatro primeiras edições. São eles: FotoAtiva (Belém), Observatório da Imagem (Pernambuco), Olha Aqui (Paraná), Alto Retrato (Rio de Janeiro), Sensibilização do Olhar, Olho Vivo – Bem TV (Niterói), Arte em Lata (Rio de Janeiro), Observatório Arte Fotográfica (Pernambuco), Casa das Artes da Mangueira (Rio de Janeiro), Olhares do Morro (Rio de Janeiro), Nosso Olhar – Nós do Morro (Rio de Janeiro), Viva Favela (Rio de Janeiro), Escola Popular de Fotografia – Imagens do Povo (Rio de Janeiro), Rede de Trabalho e Educação da Maré (Rio de Janeiro), Oficina de Imagem e Comunicação – *CEASM* (Rio de Janeiro), Kabum! – Escola Telemar de Arte e Tecnologia (Rio de Janeiro), Lapa na Lata (Rio de Janeiro), Fotolatando, Sensibilizando o olhar, Mirada, Mão na lata, Lata Mágica (Porto Alegre), Outro Olhar (Programa Fica Vivo! Belo Horizonte), Kabum! Escola de Arte e Tecnologia (Salvador), Fotografite, Turismo Jovem Cidadão, Ensaio (Paraíba), Ver se vendo (P.A.S.), PTA *CEASM*, Mostra Outro Olhar (Belo Horizonte), O olhar do outro e outro olhar (Recife), Fotolibras (Recife), Projovem, Um outro olhar (Itália), Cruzando olhares: relatos sub-urbanos de Brasília.

⁵ Em 2006 e 2007, por exemplo, aconteceram sucessivamente no SENAC de São Paulo (BR) e em Harvard (EUA) as Conferências Internacionais “Direitos Visíveis” reunindo acadêmicos, fotógrafos e membros da sociedade civil do Brasil e de diversos outros países.

⁶ A partir de agora utilizarei a sigla EIVRJ para me referir ao Encontro sobre Inclusão Visual do Rio de Janeiro.

Em 2005, no âmbito do 2º Encontro, aconteceu também a Jornada Internacional de Inclusão Visual, com os projetos internacionais Foto Esperanza (Cali), Foto Red “Tepito en la mira” (México), Grupo Contraluz (Buenos Aires), Imagens do Povo (Rio de Janeiro) e Marseille: Panier/Joliette (Marselha). A Jornada consistiu em uma proposta de uma atividade comum a esses quatro projetos oriundos diferentes países: jovens habitantes de áreas populares deveriam fotografar, no mesmo dia, quatro aspectos da sua “comunidade” previamente definidos pela organização do encontro - a família ou o grupo de amigos, a casa, a rua ou a comunidade, um acontecimento do dia, o pior e o melhor da comunidade – a fim de definir parâmetros de diálogos entre os grupos (Guran, Anais do 2º Encontro sobre Inclusão Visual do Rio de Janeiro, 2005: 23). Segundo o organizador do evento:

A jornada aconteceu no dia 29 de maio de 2005 como parte da programação oficial do FotoRio 2005 e consistiu num dia dedicado à documentação fotográfica em comunidades que normalmente não têm possibilidade de expressar a sua própria identidade através da imagem, numa idéia de inclusão visual que preside nossos encontros. (Guran, Anais do 2º Encontro sobre Inclusão Visual, 2005)

A jornada, deste modo, teve o mesmo objetivo do encontro anterior, numa perspectiva de ampliação de atuação do movimento.

Este artigo reflete sobre as propostas, a atuação e os discursos narrativos dos grupos que participaram dos Encontros sobre Inclusão Visual do Rio de Janeiro, que aconteceram entre 2004 e 2007. Algumas questões se colocam presente: o que pretendem esses grupos organizados? De que forma a participação em projetos fotográficos interfere em suas relações sociais? Alteram a representação encravada sobre as favelas?

Encontros sobre Inclusão Visual do Rio de Janeiro: o surgimento do movimento de inclusão visual e suas práticas discursivas

O 1º EIVRJ, em novembro de 2004, reuniu representantes de dezesseis grupos de diferentes pontos do país. Segundo Guran, idealizador do Encontro, todos esses grupos teriam algumas características em comum. Visavam:

valorizar a auto-estima destas comunidades, a formar profissionalmente os jovens, dar-lhes instrumentos para viverem a sua cidadania e valorizar suas próprias relações sociais, dando-lhes uma visibilidade social baseada no que essas comunidades têm de melhor, livrando-os desta forma, da condição de habitantes de verdadeiros guetos (Guran, Anais do 1º Encontro sobre Inclusão Visual, 2004: 8).

Assim, na apresentação desse primeiro encontro, intitulada “Fotografia e transformação social”, Guran já indicava qual seriam os pontos abordados nos debates que sucederam: a questão da “auto-estima” dos moradores de áreas populares, a formação dos jovens, as transformações nas relações pessoais daqueles envolvidos nos projetos, e a estigmatização desses indivíduos e seus locais de moradia.

Ao refletirmos sobre tal fala, podemos perceber que os termos *gueto* – que remete a uma parte isolada e independente da cidade - e *comunidade* - que remete a uma idéia de coesão, nem sempre real - utilizados acima são categorias empregadas como recurso político para se referir a estas áreas populares, boa parte delas favelas. Ou seja, o termo empregado – *favela* ou *comunidade* – tem um referencial simbólico. Quando usa o termo “comunidade”, Guran (e assim também o fazem os coordenadores e participantes desses projetos) está utilizando um símbolo para lutar contra o estigma, pois a idéia de “comunidade” é utilizada como contraponto à noção de que essas áreas seriam “guetos” e lugares da desordem, do caos, da violência etc. - idéia esta que reforça o estigma e se torna um recurso de poder, no limite, justificando novas demandas por remoção e/ou por invasão pela polícia.

Nesse sentido, é interessante assinalar que a maioria dos representantes destes projetos não usou o termo “favela” ou “favelado” nos seus discursos. A designação “comunidade” e “comunidade popular” é mais recorrente; e um dos representantes até mesmo criticou o uso do termo “comunidade carente”:

a idéia de carência está muito associada à idéia de incapacidade, de coitadinho, de pobrezinho, e qualquer um que conheça a favela, uma comunidade popular, sabe que existe tanta diversidade, tanta variedade de estilos de vida, cultura, trabalho, enfim, tanta coisa que foge a esse estereótipo. (Anais do 1º Encontro sobre Inclusão Visual, 2004: 53).

A noção de “comunidade”, como dito anteriormente, é freqüentemente ressaltada por ser um termo menos estigmatizante. Quando falam sobre os problemas, ou demandam soluções para a infra-estrutura local, no entanto, muitas vezes recorrem ao termo “favela”. No contexto dos projetos que buscam uma nova representação para essas áreas, o termo “comunidade” é freqüentemente utilizado pelos fotógrafos-moradores e pelos coordenadores dos projetos.

Esses projetos possuem um forte discurso político contra a estigmatização dessa parte da população, e voltado para a democratização dos meios de comunicação. Investem em aulas e cursos com o objetivo – político – de formar jovens e ter, através de uma articulação coletiva, uma maior visibilidade social – uma visibilidade positiva, claro.

Os projetos de *inclusão visual*, então, têm como objetivos mais amplos a inserção social dos moradores de favelas e a transformação da imagem negativa destes espaços; e mais específicos, a “educação visual” de jovens e crianças. Inserção social, ou melhor, *inclusão visual*, como defendem os membros desse movimento liderado por Guran, como um processo educativo. Pretendem educar - ou *descolonizar* - o “olhar” dos jovens, e não apenas formá-los profissionalmente. Através de cursos, como aqueles oferecidos pela Escola Popular de Comunicação Crítica⁷, do Observatório de Favelas, acreditam fornecer ferramentas para inserir estes jovens no mercado de trabalho, além de “contribuir para a ampliação do exercício da cidadania”.

É através da valorização da auto-estima (processo que ocorreria durante os cursos e oficinas) que esses jovens ganhariam ferramentas para atuar como um cidadão. A “auto-estima”, aqui entendida como uma categoria nativa, ganha nesse debate a importância que a “cidadania” teve em outro momento. O valor que os representantes dos projetos relacionados ao *movimento de inclusão visual* dão à transformação da “auto-estima” dos participantes pode ser observada nos relatos abaixo:

Milton Guran (Coordenador Geral do FotoRio): “O encontro teve como proposta reunir os coordenadores e os participantes dos projetos de ‘inclusão visual’ – programas que utilizam a fotografia como instrumento de socialização e de recuperação da auto-estima entre comunidades de baixa renda no Rio de Janeiro” (Anais do 1º Encontro sobre Inclusão Visual do Rio de Janeiro, 2004: 10).

Miguel Chikaoka (Foto Ativa/Belém): “É sempre difícil trabalhar com um público que já tem a auto-estima baixíssima e criar um trauma em cima de uma experiência que seria simples e maravilhosa, e ele não conseguir fazer e achar que nunca vai conseguir fazer nada. E é maravilhoso que a partir desse momento – usar somente as mãos para construir câmeras artesanais – consegui resolver parte do problema, e me sinto feliz”. (idem: 15)

Os relatos dos representantes dos grupos participantes desse encontro, quase todos coordenadores dos projetos, indicam que pessoas economicamente desfavorecidas, e principalmente aquelas moradoras de favelas, teriam uma auto-imagem negativa. Ao relatarem o perfil dos participantes das atividades dos projetos, apresentam os jovens de forma homogênea, e conscientes do problema da representação das favelas. No entanto, nem todos os jovens percebem esta representação como uma construção estereotipada e/ou como um problema de auto-estima. O perfil aqui encontrado, portanto, é o de jovens oriundos de camadas populares que sofrem preconceitos que podem ou não interferir na sua auto-estima, principalmente no que concerne à sua inserção no mercado de trabalho e, talvez por isto, pretendam transformar a imagem negativa das favelas cariocas.

⁷ Para mais informações, ver: <http://www.observatoriodefavelas.org.br/observatorio/projetos/#4>

Mais do que uma questão de auto-estima e de luta pela democratização dos meios de comunicação, é interessante perceber que a participação destes jovens em projetos visuais está relacionada ao direito à construção da própria imagem, à auto-representação; além de significar a compreensão das formas de representação e dos mecanismos simbólicos de dominação. Essa participação também parece definir e transformar suas vidas a nível pessoal e profissional, uma vez que ela interfere na sua percepção do mundo.

Ao falarem sobre os cursos e as oficinas, os coordenadores ressaltaram como principais objetivos: a) “dar acesso para as pessoas que não tinham acesso” - no caso, acesso aos meios de comunicação e à linguagem audiovisual, b) oferecer aos alunos “a possibilidade de ver a vida de uma outra maneira”, e c) “propor imagens novas sobre as favelas”. A idéia de que estes jovens “naturalmente” se representariam de outra maneira – positiva - também aparece implícita em vários discursos, ainda que alguns tenham apontado para a internalização de preconceitos e estereótipos massificados pelas classes dominantes.

Por exemplo, ao ressaltarem os problemas encontrados no decorrer dessas atividades, os coordenadores destacaram:

a) falta de concentração e de percepção do alcance da atividade fotográfica:

Entre as dificuldades encontradas, observei a falta de concentração e a falta de percepção do alcance da atividade. Muito mais do que a fotografia a gente está trabalhando milhares de outras questões, mas demorou para perceberem o alcance disso tudo. Eu acho que isso acontece porque a maioria dos projetos de ONGs não tem continuidade e eles têm medo de se envolver e se frustrar mais uma vez (Anais do 1º Encontro sobre Inclusão Visual, 2004: 27)

b) não-valorização da imagem do grupo:

Quanto às dificuldades, a gente tinha um problema que eu acho que as comunidades de uma forma geral têm, que é de se mostrarem, um problema de identidade. As primeiras fotos eram muito voltadas para eles ou então de paisagem. Como a paisagem é muito bonita eles só querem mostrar aquilo. Eu pedia uma foto da rua, da comunidade, eles não queriam fazer de jeito nenhum. Existe uma evolução no trabalho que é tentar voltar a fotografia para dentro de casa. Se ele tem aquela foto do álbum de família dele porque ele não pode também se expor um pouco mais? (ibidem: 35)

Tudo indica que muitos dos participantes dos projetos - moradores das favelas – em um primeiro momento também reproduzem as representações estereotipadas e/ou os preconceitos sobre as áreas em que vivem emanados pelos demais habitantes da cidade, não-moradores. Estas assimilações podem ser traduzidas pelo que Barbero (1997) considerou como “enculturação” (ou hibridização cultural). Ou seja, mais do que substituir o modo de vida e as

práticas populares, a *enculturação* disseminou, historicamente, entre as classes populares “a desvalorização e o desprezo de sua cultura, que depois passará a significar unicamente o atrasado e o vulgar” (Barbero, 1997: 134). Ainda para o autor, “isto não representa nenhuma alegação utopista ‘contra a escola’, mas o assinalamento do ponto de partida na difusão de um sentimento de vergonha entre as classes populares de seu mundo cultural, sentimento que acabará sendo de culpabilidade e menosprezo de si mesmas na medida em que se sentem irremediavelmente prisioneiras da in-cultura” (idem). É provavelmente neste sentido que os membros do movimento de inclusão visual ressaltam o problema da auto-estima: no intuito de valorizar as qualidades locais, e não como sinônimos de “atraso” e “vulgar”.

Oficinas e cursos de fotografia: heterogeneidade de interesses e de atuações

Dentre os grupos participantes dos EIVRJ, a maioria trabalha com o formato de oficinas e, assim, não têm periodicidade bem marcada, posto que dependem de financiamentos externos. Alguns, entretanto, ocorrem de forma regular e têm sede fixa. Uns contam com uma razoável infra-estrutura física (filmes, câmeras, ampliadores etc.) e humana (psicólogo, assistente social etc.), outros com quase nenhuma.

O material utilizado para fotografar também é diverso: de lixeiras plásticas a câmeras digitais, passando por câmeras construídas com tubos de filme fotográfico. Trabalham com um volume variado de crianças e/ou jovens que pode depender ou não do financiamento recebido. Há projetos que contam com cerca de quinze participantes, outros com cem. A idéia de formar monitores e/ou de transformar os alunos em “parceiros” (ou “multiplicadores”) parece ser comum a todos os projetos. A realização de exposições é uma forma de dar visibilidade às fotografias e aos projetos, e, desse modo, obter financiamentos de empresas, públicas e privadas, que se transformam em patrocinadoras do projeto.

Estas oficinas são realizadas, em geral, pelos coordenadores dos grupos, que são fotógrafos profissionais e não moram nas áreas retratadas - são de classe média e acreditam que, “mais que projetos de fotografia, são projetos políticos”. Quanto aos jovens, a participação em um projeto que visa integrá-los à dinâmica da sociedade é percebida como de grande importância, pois, como diz um deles, “eu podia estar na página policial, hoje estou na página cultural”. Apesar de este relato remeter à idéia recorrente de que o jovem, morador de uma favela, luta incansavelmente entre o crime e a falta de opção (Alvim, 2002), é importante assinalar que as

escolhas discursivas nem sempre são aleatórias, e que muitos jovens utilizam determinadas expressões conscientes de suas implicações no “jogo social”:

Eu coloquei a questão dos Direitos Humanos, essas coisas... eu sei o público para o qual eu estou falando. Como é que é essa coisa da publicidade ajuda pra caramba. Se estiver falando para um público classe A, B, eu não vou... Eu sei o que eles querem ouvir de mim. Aí eu falava... [risos] Só via as caras assim [extasiadas], sabe? [APLAUSOS] Muito sociólogo... Falava o discurso deles. Mas inculcando a questão do que eu gostaria de dizer. Mas com o discurso que eles gostariam de estar ouvindo. Aí isso é interessante. Isso causa uma boa impressão, essa coisa toda. (Jorge Alexandre Firmino, um dos fotógrafos da *Olhares do Morro*, em entrevista concedida à autora em 2005, sobre sua apresentação na UNESCO em 2004).

As práticas discursivas do *movimento*, portanto, merecem uma reflexão mais cuidadosa, que tentarei desenvolver adiante. Por enquanto, o importante é perceber a diversidade de interesses e objetivos que apontam para a heterogeneidade deste grupo social.

O aprendizado da técnica fotográfica também aparece de forma distinta entre os grupos. Para alguns destes projetos, por exemplo, ela aparece como um meio para se conseguir algo mais amplo e não um fim em si, como podemos ver nos relatos abaixo, de coordenadores de diferentes projetos:

Luciano Quintella (Nosso Olhar/Rio de Janeiro): “Eu procuro oferecer aos alunos essa possibilidade de ver a vida de uma outra maneira”. (Anais do 1º Encontro sobre Inclusão Visual do Rio de Janeiro, 2004: 48)

Eliane Heeren (Kabum! – Escola Telemar de Arte e Tecnologia/Rio de Janeiro): “O nosso projeto visa não só o conteúdo técnico, mas ainda o desenvolvimento pessoal que acontece paralelamente à condução do aprendizado. Através da fotografia, o aluno desenvolve um olhar crítico sobre vários aspectos da sua realidade.” (Anais do 3º Encontro sobre Inclusão Visual do Rio de Janeiro, 2006: 7)

Olívia Bandeira de Melo (Olho Vivo – Bem TV/Rio de Janeiro): “O objetivo da oficina não era a formação de fotógrafos profissionais, mas o comprometimento dos jovens com seu entorno.” (Anais do 3º Encontro sobre Inclusão Visual do Rio de Janeiro, 2006: 8)

Miguel Chikaoka (Foto Ativa/Belém): “Sou de Belém do Pará e trabalho com uma organização chamada FotoAtiva, que tem 23 anos de existência e que ao longo desses anos construiu um percurso no qual a questão da fotografia vem sendo tratada de uma maneira bastante ampla, não com o compromisso de formar profissionais na fotografia, mas principalmente voltado para a questão da construção de um conhecimento que possa impulsionar o crescimento humano do ponto de vista mais profundo possível.” (Anais do 4º Encontro sobre Inclusão Visual do Rio de Janeiro, 2007: 69)

Para esses coordenadores, a fotografia pode ser uma ferramenta capaz de estimular o desenvolvimento de um olhar crítico, o comprometimento do jovem com o seu entorno, e até o crescimento humano. Essa “transformação humana” também pode ser percebida na fala dos jovens, que ressaltaram a mudança ocorrida na maneira como olham seus locais de moradia,

assim como as outras favelas da cidade, e o fato de hoje estarem circulando por áreas antes não freqüentadas - dentro e fora dessas favelas:

Renata Souza (Escola de Fotógrafos da Maré/Rio de Janeiro): “A gente fez uma coisa que me marcou muito. Foi quando a gente foi fotografar um grupo de meninas grávidas. Eu moro na Maré, e via aquelas meninas circulando o tempo inteiro. Mas foi diferente eu atrás da câmera e focando um grupo de meninas. E eu pensando, eu via todo dia aquelas meninas e nunca pensei quão grave aquilo era. E comecei a olhar. Parei de ver e comecei a olhar. Refletir sobre aquela realidade que estava ali me cercando e eu não olhava, apenas via. A fotografia, no meu caso, tirou esse lado ingênuo que eu tinha, e passei a olhar a vida em si com outros olhos”. (Anais do 1º Encontro sobre Inclusão Visual, 2004: 94).

Dyego Rodrigues Custódio (Projeto Olho Vivo/Rio de Janeiro): “Também tem o negócio da comunidade, antes eu não conhecia quase nada, conhecia a minha rua e por onde passava. Com o curso de fotografia, a gente passou a rodar a comunidade toda. Aí, eu passei a conhecer vários lugares que eu não conhecia, principalmente a parte lá de cima. Tem várias casas antigas mesmos, de pau-a-pique ainda, pessoas bem antigas, bem paupérrimas morando lá, em péssimas condições”. (idem: 68)

Valteone Silvestre (Olhares do Morro/Rio de Janeiro): “Aconteceu comigo uma coisa inesperada, a inclusão nos equipamentos culturais, porque eu passava em frente aqui do Banco do Brasil, sendo que a primeira vez que estou entrando no Centro Cultural Correios aqui foi ontem. Pôxa, sempre tive muita curiosidade. E a fotografia é que está me abrindo esse campo de me modificar e, ao mesmo tempo, conversando com as pessoas, também fomenta uma mudança nos vizinhos, na comunidade, nos meus sobrinhos, criando essa cultura da fotografia da comunidade do Vidigal” (ibidem: 77-78).

Deise Lane (Viva Favela/Rio de Janeiro): “Nós estamos lá todos os dias, respiramos a realidade de lá, e queremos que vocês vejam da mesma forma que nós vemos. Não como é pintado, não como é mostrado pelo pessoal de fora. (...) E é legal ressaltar que muitos de nós, antes de sair da comunidade e fazer um trabalho mais aberto, tínhamos esse preconceito por outras comunidades. Aquela coisa de que só a nossa comunidade valia, só a nossa comunidade era respeitável no meio dessas comunidades violentas. Eu já tive esse preconceito” (ibidem: 85).

Assim, através da participação nesses projetos, os jovens afirmaram que puderam: conhecer vizinhos que antes desconheciam; circular por áreas que não circulavam (dentro e fora das favelas); ganhar visibilidade positiva; e mudar a maneira de ver os lugares e as pessoas, e de criar relações. Mas até que ponto poderiam interferir na representação já encravada dessas áreas?

A proposta de dois projetos cariocas: a criação de banco de imagens como mecanismo de sustentabilidade

Se alguns destes projetos funcionam como uma oficina e, assim, não têm continuidade, outros visam à realização de um trabalho contínuo e, para isso, selecionam jovens a partir de perfis específicos. O Imagens do Povo/Escola Popular de Fotógrafos, por exemplo, privilegiou aqueles que já tinham algum vínculo institucional com organizações não-governamentais,

para que os jovens que participassem dos seus cursos pudessem dar continuidade à prática fotográfica. Nas palavras de Diógenes Pinheiro: “não adianta você formar um cara fotógrafo, e ele depois não ter como desenvolver a sua atividade. Então, todos os alunos têm de certa forma algum vínculo com alguma instituição da comunidade onde eles atuam” (Anais do 1º Encontro sobre Inclusão Visual, 2004: 54). Muitos dos que estão no Viva Favela já participavam de projetos do Viva Rio.

O que se observa é que os projetos que mantêm certa regularidade (Imagens do Povo/Escola Popular de Fotógrafos e Viva Favela) têm um sistema de seleção; ninguém entra de maneira fortuita. Grande parte dos jovens ligados a esses dois grupos tinha certo grau de instrução e/ou um histórico de participação em projetos sociais (mesmo de outra natureza). O perfil dos futuros fotógrafos, portanto, parece ter grande influência no sucesso do projeto, pois a busca por “talentos” parece de alguma forma estar sempre presente.

Estes dois projetos cariocas, que participaram de todas as edições dos encontros, publicam suas imagens na Internet⁸, investindo em um banco de imagens de fácil acesso para comercialização das fotografias produzidas, e divulgação do trabalho do grupo. O Imagens do Povo, especialmente, funciona como um banco e uma agência de fotografias e agrega imagens de diferentes projetos (a participação no banco esta aberta a qualquer fotógrafo que se identifique com a atuação do grupo). Apesar de ainda possuírem uma comercialização de fotografias limitada, acreditam que o banco e a agência poderão funcionar, em um futuro próximo, como fonte de renda auxiliando na sustentabilidade do grupo. Transmitindo essas novas imagens para outras camadas sociais (através de projeções, exposições publicações em jornais e revistas etc.) esses jovens também acabam por estimular o diálogo, ainda hoje deficiente e hierárquico, entre os setores da sociedade; e a fazer circular *outras* imagens sobre as favelas, tornando a representação dessas áreas mais complexa.

Algumas considerações

Os grupos envolvidos no chamado *movimento de inclusão visual*, como ressaltado anteriormente, pretendem transformar o olhar daqueles que vivem dentro das áreas populares (especialmente daqueles diretamente envolvidos no projeto social), e dos que vivem fora dessas áreas, e que teriam uma imagem deturpada desses indivíduos e seus locais de moradia.

⁸ Imagens do Povo (<http://www.imagensdopovo.org.br/>), da Escola de Fotografia Popular e Foto Favela (<http://www.fotofavela.com.br>), do Viva Favela.

Todos aqueles que participaram desses encontros, dialogam diretamente com um imaginário sobre a mídia (especialmente a televisão e os jornais) relacionado à criação dessas imagens estereotipadas.

Apesar de todos os encontros seguirem essa mesma linha narrativa, de debates sobre a valorização da imagem dessas áreas, podemos perceber que a atuação dos grupos, enquanto movimento, passou por diferentes momentos. No 1º EIVRJ, o foco era esclarecer o poder de “transformação social” da fotografia. No segundo, realçar as imagens produzidas por esses moradores.

O texto de abertura dos Anais do 3º EIVRJ, intitulado “Em busca da coesão e da ajuda mútua”, indica o tema central debatido naquele ano:

Apesar de reduzido em número de projetos e na sua própria programação, este Encontro foi muito rico e denso pelos temas debatidos. Nele se discutiu, como temática central, a dificuldade de se assegurar a continuidade dos projetos e a necessidade de se criarem alternativas conjuntas que fortaleçam os projetos, a exemplo do próprio Encontro sobre Inclusão Visual. (Guran, Anais do 3º Encontro sobre Inclusão Visual, 2006: 5).

Com o aumento das dificuldades, o debate e a conclamação à ação coletiva se intensificou. Foram criadas uma lista de discussões⁹ e uma rede¹⁰, a fim de consolidar as discussões para além dos encontros anuais.

Já o 4º EIVRJ, que aconteceu entre os dias 26 e 28 de junho de 2007, teve uma programação maior, e contou com uma palestra intitulada “A inclusão visual: uma alternativa à ditadura visual contemporânea”, oficinas realizadas pelos fotógrafos Miguel Chikaoka (Foto Ativa/Belém) e Ricardo Peixoto e a campanha de doações “Fotografia Solidária”, que arrecadou equipamentos e materiais fotográficos a serem distribuídos entre os projetos participantes, além de “engajar a comunidade de fotógrafos” com a proposta do movimento (Anais do 4º Encontro sobre Inclusão Visual, 2007: 3). O texto de abertura, nesse ano, foi intitulado “Organização e ampliação do movimento de Inclusão Visual”, refletindo o momento em que o movimento se encontrava.

Podemos perceber, portanto, que ao longo desses quatro anos de Encontros realizados, o movimento vem ampliando sua rede de atuação e diversidade de perfis envolvidos. Propostas de organização dos debates, criação de um material comum que possa ser distribuído aos

⁹ inclusaovisual@yahogroups.com.br

¹⁰ <http://www.fotorio.fot.br/2007/inclusaovisual/rede.asp>

diferentes grupos (principalmente a elaboração de cartilhas), de ampliação da atuação coletiva e de saídas para a sustentabilidade dos projetos ganharam força neste último encontro realizado, e fazem parte da agenda do movimento.

Referências bibliográfias

ANAIS DO 1º ENCONTRO SOBRE INCLUSÃO VISUAL DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Centro Cultural dos Correios, 2004.

ANAIS DO 2º ENCONTRO SOBRE INCLUSÃO VISUAL DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Centro Cultural dos Correios, 2005.

ANAIS DO 3º ENCONTRO SOBRE INCLUSÃO VISUAL DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Centro Cultural dos Correios, 2006.

ANAIS DO 4º ENCONTRO SOBRE INCLUSÃO VISUAL DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Centro Cultural dos Correios, 2007.

ALVIM, R. Olhares sobre a Juventude. In: NOVAES, R; PORTO, M. e HENRIQUES, R. (Orgs.). *Juventude, Cultura e Cidadania. Comunicações do ISER*, Rio de Janeiro, ano 21, Edição Especial, p. 43-56, 2002.

BARBERO, Jesús Martín. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

COPQUE, Bárbara. *Meninos-Fotógrafos ou a fotografia como fonte de conhecimento etnográfico*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2003.

FLORES, Laura González. La mirada del otro *otro*. La producción fotográfica de grupos minoritários. *Orientes e occidentes. Memoria del XXVII Coloquio Internacional de Historia del Arte*. México: Instituto de Investigaciones Estéticas, 2004.

GAMA, Fabiene. *A auto-representação fotográfica em favelas: Olhares do Morro*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006.